



Correio Pastoral

Cón. Luís Alberto

A Semana Maior!!!

21/03/2024

Amigos:

Vem aí a Páscoa!

No próximo Domingo, **Domingo de Ramos e da Paixão**, começa a **Semana Maior** da nossa vida (mesmo que não a vivamos assim...) Onde quer que estejam nestes dias, mesmo a gozar merecido descanso (há lá descanso melhor do que ter tempo para o que é mesmo importante e nos enche a alma e o coração?) não deixem de participar nas celebrações de **Domingo de Ramos** e no **Tríduo Pascal** (**Missa da Ceia do Senhor**, na quinta-feira à tarde; **Celebração da Paixão e Adoração da Cruz** na sexta-feira à tarde, normalmente às 15h, **Vigília Pascal** na noite de sábado e **Missa** no Domingo da Ressurreição do Senhor)!

Aproveito para lembrar que **amanhã, sexta-feira**, as 15 paróquias da nossa Vigararia vão partir das suas Igrejas Paroquiais, celebrando as primeiras 10 estações da **Via Sacra** numa peregrinação que **termina no Campo Pequeno onde, às 22h**, onde celebraremos, todos em conjunto, as **últimas 4 estações da Via Sacra**.

Nós juntamo-nos às 20.45h no adro, frente à porta principal da Igreja, e **iniciaremos o nosso percurso da Via Sacra às 21h**.

Envio-vos em anexo uma reflexão que partiu da palavra que escutámos hoje e foi repescar a Palavra de Deus de faz hoje oito dias...

Abraço amigo!

MEDITAÇÃO 14 e 21.03.2024

No Evangelho de hoje Jesus teve a ousadia de dizer aos Judeus:

“Antes de Abraão existir, «Eu sou»”

Aquilo que já era claro há bastante tempo para muitos judeus, sobretudo os mais piedosos, a pretensão que Jesus tinha de que era Deus e que se traduzia no que fazia (contrariando às vezes o que havia de mais sagrado para um judeu, a Lei) e no que dizia, quando se atrevia a colocar-se ao mesmo nível de Deus, vai-se tornando cada vez mais evidente.

Hoje, quando diz de si mesmo *«Eu sou»*, Jesus está a fazer sua a definição que Deus dá de si próprio quando Moisés, enviado por Ele para libertar o povo do Egito Lhe pergunta o que há-de responder quando Lhes disser que o Deus dos seus pais o enviou e eles perguntarem qual é o seu nome.

A resposta de Deus a Moisés é esta:

“Assim falarás aos israelitas: “Eu sou envia-me a vós!”.

E quanto mais nos aproximarmos da Páscoa, mais evidente se vai tornar, nos evangelhos que vamos ouvir, esta reivindicação, por parte de Jesus, da sua condição divina.

É isto que explica a incapacidade dos judeus em aceitar Jesus:

Este assumir-se como Deus não cabe nas suas categorias mentais, na maneira como eles pensam Deus e se pensam a si mesmos na relação com Ele.

A bondade de Jesus era sobejamente conhecida.

Os judeus não têm nada de moralmente condenável a apontar-lhe a não ser essa extrema blasfémia de se colocar ao nível de Deus: *“Não é por alguma boa obra que te apedreamos; é por blasfémia, é porque tu, sendo homem, te fazes Deus”.*

Dizer, como fazemos no Credo, que Jesus é verdadeiro homem e verdadeiro Deus, tornou-se uma verdade pacífica para nós na enunciação da nossa fé.

O que já não é pacífica é a nossa capacidade de extrair daí todas as consequências.

Porque a grande tentação de cada um de nós é encaixar Deus nas nossas ideias feitas a respeito d’Ele.

Há oito dias líamos a passagem do bezerro de ouro que os israelitas constroem para si enquanto Moisés se encontra no cimo do monte a receber as tábuas da Lei.

Durante bastante tempo liguei o bezerro de ouro à facilidade com que nos esquecemos de Deus e o substituímos por outras realidades, os falsos deuses, a que nos agarramos no dia-a-dia e que ocupam o lugar que devia ser só de

Deus: o sucesso profissional, o bem-estar material, o culto da imagem, do que os outros pensam de nós...

Mas a tentação do bezerro é muito mais do que isso.

O bezerro de ouro está mais ligado com o segundo mandamento da Lei ("*Não farás para ti qualquer imagem*") do que com o primeiro ("*Eu sou o único Deus; não terás outro Deus além de mim*"). Ou, se quiserem, no fundo estamos a falar do mesmo mandamento.

A tentação do bezerro de ouro, são os nossos pré-conceitos a respeito de Deus.

A grande tentação que temos sempre diante da transcendência de Deus, que, por definição, nos escapa infinitamente, é reduzi-l'O à nossa dimensão, é a "*imagem*" que fazemos d'Ele e que nos permite controlá-l'O, saber o que Ele quer e o que Ele não quer de nós...

Os israelitas sabiam bem que não tinha sido aquele bezerro, que eles tinham construído com o que tinham de melhor (todos os objectos de ouro), que os tinha tirado do Egipto.

Mas precisavam de ver Deus, de O poder tocar, de saber onde Ele estava quando precisassem de O invocar, precisavam de uma imagem d'Ele...

Nós somos convidados a viver suspensos de um Deus que não controlamos. A entregarmo-nos de alma e coração a Alguém que nos está sempre a trocar as voltas.

Mas como podemos fazê-lo, como podemos descobrir Deus escondido na nossa vida, em todas as pessoas e acontecimentos, como podemos acreditar em Jesus (acreditar no mistério da encarnação, fazendo de tudo mediação para Deus e não um fim em si mesmo) se recebemos "*glória uns dos outros e não procuramos a glória que vem só de Deus?*"

Se vivermos a vida à superfície somos capazes de nos encantar com o bem que nos aparece e que, natural e espontaneamente endeusamos, como nos dizia Jesus há oito dias: "*João era uma lâmpada que ardia e brilhava e vós, por um momento, quisestes alegrar-vos com a sua luz*".

E, por natureza, não somos capazes de ir além disso e ter um olhar de fé sobre a vida, sobre nós mesmos e cada um de nós.

Nem mesmo que João dê "*testemunho da verdade*" e nos diga que não é o Messias!

E nós podemos repetir muitas vezes que somos só instrumentos de que Deus se serve, mas no fundo do coração como é que é???